



Uma avaliação sociológica do pentecostalismo e do neopentecostalismo contemporâneo

Luiz Alberto Sayão

Faculdade Luterana de Teologia

Dezembro de 1999

UMA AVALIAÇÃO SOCIOLÓGICA DO PENTECOSTALISMO E DO NEOPENTECOSTALISMO CONTEMPORÂNEO

Luiz Alberto T. Sayão *

INTRODUÇÃO

O panorama religioso brasileiro tem passado por grande transformação nas últimas décadas. O país, tradicionalmente católico, viu mudanças significativas. Enquanto a religião dominante perdeu sua preponderância, grupos minoritários como os sem-religião, umbandistas, kardecistas, protestantes e evangélicos têm crescido proporcionalmente em relação à população. Dentre estes grupos, os pentecostais são os que têm crescido de maneira mais surpreendente. Sendo apenas 9,5 dos protestantes brasileiros em 1930 (porcentagem ainda menor se fossem incluídos os luteranos), os pentecostais alcançaram a taxa de 65,2% em 1964, 76,2% em 1974¹, e cerca de 87% em 1995². Conforme observa Regina Novaes, os evangélicos que eram cerca de 13% da população pelo censo de 1991 devem compor hoje de 16 a 18% da povo brasileiro³. Confirmados esses dados, temos 28 milhões de evangélicos (protestantes), sendo 24,3 milhões pentecostais, dos 165 milhões de habitantes do Brasil.

Os evangélicos, notavelmente os pentecostais, estão divididos em uma enorme quantidade de denominações. As igrejas pentecostais mais importantes e conhecidas são Assembléia de Deus (corresponde à metade dos evangélicos), Congregação Cristã no Brasil, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Deus é Amor, Brasil para Cristo e Igreja do Evangelho Quadrangular. Já as igrejas tradicionais e históricas maiores são as batistas, luteranas e presbiterianas⁴.

* Luiz Alberto T. Sayão é professor de hebraico e de Antigo Testamento no Seminário Servo de Cristo, em São Paulo (SP). Foi coordenador da Nova Versão Internacional da Bíblia e é atualmente editor acadêmico de Edições Vida Nova.

¹ Conforme citado por William R. Read, em *Fermento Religioso nas Massas do Brasil, Cristã Unida*, p. 228.

² Segundo as previsões de Patrick Johnstone, em *Operation World*, Zondervan, Grand Rapids, 1993, p. 128.

³ Vários autores. *Novo Nascimento. Os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*, Mauad, Rio de Janeiro, 1998, p. 7.

⁴ Não estão relacionados os Adventistas do Sétimo Dia. Apesar de ser um grupo significativo, é quase sempre separado dos evangélicos por seu exclusivismo e ensinamentos peculiares na área de escatologia, necessidade da guarda do sábado e de obediência a regras alimentares mosaicas.

De fato, os pentecostais não representam um referencial religioso homogêneo. É preciso pelo menos dividi-los em quatro grupos distintos: 1) Os pentecostais clássicos (Assembléias de Deus e Congregação Cristã); 2) Os pentecostais de “cura divina” (Igreja Deus é Amor, Evangelho Quadrangular e Brasil para Cristo); 3) As igrejas renovadas (batista nacional, presbiteriana renovada, maranata, etc.); 4) Os neopentecostais (Universal, Renascer, Igreja Internacional da Graça, etc.).

Procuraremos aqui traçar um perfil do desenvolvimento do pentecostalismo em território nacional, tentando estabelecer suas relações com suas origens no protestantismo histórico, bem como sua forte reação e oposição ao catolicismo dominante e aos cultos afro-brasileiros. Tendo em vista o fato de que esses grupos têm crescido expressivamente entre as camadas mais pobres e desfavorecidas da população brasileira, esforçar-nos-emos para compreender o fenômeno pentecostal, enfatizando principalmente o neopentecostalismo, diante das transformações sociais do país, tentando também definir a identidade desses novos grupos.

O PROTESTANTISMO HISTÓRICO

Invasores franceses e holandeses protestantes marcaram presença no Brasil colonial, sem todavia deixar continuidade histórica. Com a abertura constitucional de 1824 e entrada de imigrantes alemães em terras brasileiras, os luteranos germânicos se estabeleceram no país. Sendo, porém, uma religião étnica, só teve influência decisiva na formação religiosa entre os imigrantes e seus descendentes. Paralelamente, os cidadãos ingleses que aqui viviam tiveram liberdade de praticarem o anglicanismo, ainda que de maneira restrita. O protestantismo missionário chegou mais tarde com os congregacionais (1855), os presbiterianos (1859), os metodistas (1867) e os batistas (1882).

Tradicionalmente vistos como agentes da modernidade e secularização quando comparados com os católicos, os protestantes quase sempre se posicionaram com um sentimento de superioridade e de ruptura com a cultura brasileira. Trazendo uma herança puritana, uma espiritualidade pietista, uma ênfase individualista (por causa da doutrina da salvação individual), os protestantes viam a latinidade e a cultura católica como marcos de atraso, pobreza e inferioridade social. O protestantismo, como se sabe, marcado pela modernidade, valorizava o trabalho, a repressão das paixões, a intelectualidade produtiva e a tranqüilidade econômica da posteridade.⁵ As características fundamentais do protestantismo missionário introduzido no Brasil podem ser assim resumidas:

⁵ Prócoro Velasquez Filho, em *Culto Protestante no Brasil*, “Características, Ênfases e Teologia”, Estudos da Religião 2, S. Bernardo, 1985, p. 66.

1) Doutrinária. Ênfase teológica na autoridade exclusiva da Bíblia em oposição ao magistério católico e à tradição, crença na salvação individual pela graça e pela fé em oposição às obras e aos sacramentos, intermediação única de Cristo entre Deus e o homem em oposição à intercessão de Maria, dos santos, das missas, etc. 2) Organização e culto. Abolição e rejeição dos ícones como referencial de culto, a centralidade da pregação, a valorização da atuação dos leigos, a introdução e idealização da cultura anglo-saxã, proselitismo (conversão), negação do mundo e repressão das paixões (santificação), maior participação dos membros no culto.

Discute-se até que ponto o protestantismo missionário brasileiro representa o protestantismo clássico. Ainda que se possa discutir os detalhes da questão, deve-se admitir que pelo menos em parte isso ocorre. Todavia, a excessiva negação do mundo, a alienação política e social e o fundamentalismo marcam uma certa distinção do protestantismo progressista analisado por Weber. Ninguém pode evitar a pergunta: Por que teve sucesso o protestantismo em sua expansão missionária em terras brasileiras? A resposta deve começar pelas características do país. A enorme extensão territorial do Brasil, associada a falta de sacerdotes católicos marcou a dificuldade da Igreja Católica de cuidar de seus fiéis. Além disso, desde o início o país mostrou um catolicismo mais diversificado. Conforme observou Gilberto Freyre, os portugueses sempre tiveram um perfil de divisão de personalidade. Foi um povo acostumado com diferenças raciais e religiosas que marcaram a história da Península Ibérica. No caso do Brasil caboclo e mulato, esta flexibilidade e convivência com a contradição se tornaram uma realidade presente.⁶ As idéias liberais e positivistas, aliadas à influência da maçonaria, presentes na elite permitiram maior liberdade religiosa no país. Diante desse quadro, os protestantes começaram a evangelização proselitista com o propósito de converter os católicos à nova fé. Através dos colportores de Bíblias, de um culto espiritual, de uma propaganda de possuírem uma ética superior e a verdade, do uso dos leigos nos cultos e nas pregações, das escolas dominicais e de uma estrutura de igreja marcada pela ampla participação e comunhão entre os fiéis, os protestantes iniciaram com sucesso sua empreitada no país. Já em 1930, entre 25 milhões de brasileiros, os protestantes (incluindo luteranos) já atingiam cerca de 500 mil fiéis (2% da população)⁷.

⁶ Conforme discutido por Carl Hahn em Op. Cit., "Breve Histórico dos Cultos Evangélicos no Brasil", p. 17-18.

⁷ Com base nas informações de W. R. Read, Op. Cit.

O PENTECOSTALISMO CLÁSSICO

O movimento pentecostal moderno começou oficialmente no início do século XX. Um grupo de evangélicos reuniu-se em Topeka, Kansas, com a finalidade de conseguir o outra vez o poder espiritual dos tempos apostólicos. Liderados por Charles Parham. Segundo relatam, na virada do ano de 1900 para 1901, Agnes Ozman recebeu “o dom de línguas” e inaugurou um derramamento do Espírito, entendido como uma profecia de Joel 2.28-32, citada por Pedro em Atos dos Apóstolos, na ocasião da profecia. O movimento, porém, só estabeleceu-se com firmeza, quando um aluno de Parham, o pregador batista negro, W. J. Seymour começou uma congregação pentecostal em 1906, em Los Angeles, num local historicamente famoso para os pentecostais: Rua Azusa, 312. Em pouco tempo, o movimento cresceu pelos Estados Unidos, sendo em breve exportado para outros países e continentes.

O movimento teve fundamentação teológica metodista, enfatizando claramente a experiência individual com Deus e a doutrina perfeccionista da santificação do movimento de Wesley. Rejeitavam a “frieza” das igrejas tradicionais, ensinavam a importância do batismo do Espírito Santo, falavam em línguas, acreditavam em milagres e curas, praticavam uma leitura literal e fundamentalista da Bíblia e enfatizavam a 2ª vinda de Cristo, ou seja o fim do mundo. Do ponto de vista sociológico, as pesquisas de Bloch-Hoell comprovaram que o pentecostalismo americano antes da 2ª. Guerra Mundial expandiu-se entre as classes sociais inferiores. As mulheres tinham participação maior do que os homens, a renda média dos crentes era inferior à média americana e até mais baixa do que a média da comunidade negra e a porcentagem de negros no movimento era maior do que a da população.⁸ Assim, veremos que o pentecostalismo inicial teve presença marcante de negros, mulheres, pobres e imigrantes.

Dois grupos religiosos constituem o pentecostalismo clássico no Brasil: As Assembléias de Deus e a Congregação Cristã. Esta última é um caso muito singular, talvez sem paralelos próximos conhecidos. O imigrante italiano nos EUA Luigi Francescon sentiu-se enviado por Deus para pregar o evangelho no Brasil. Francescon dirigiu-se ao Paraná, em Santo Antônio da Platina e a São Paulo onde fundou a igreja.⁹ A igreja cresceu principalmente entre italianos e seus descendentes nos primeiros anos e depois expandiu-se entre as classes mais desfavorecidas, predominantemente em São Paulo. A Congregação Cristã, por causa de sua origem distinta, é diferente de qualquer outra igreja evangélica ou pentecostal. Trata-se de uma religião essencialmente oral. Não se estuda a Bíblia,

⁸ Walter Hollenweger. *El Pentecostalismo*. Editorial La Aurora, Buenos Aires, 1976, p. 12.

⁹ Op. Cit., p. 131.

as mensagens são trazidas "pelo Espírito" para aquele que assim sentir: São extremamente exclusivistas, interpretando os demais evangélicos como ainda afastados da "verdade". Por causa de sua origem italiana e pelo fato de Francescon ter origem valdense (seita pré-protestante do séc. XIII), a Congregação ainda se distingue dos outros evangélicos pelas seguintes características: rejeitam "pastores" e têm "anciãos" não assalariados pela igreja, tomam bebidas alcoólicas (como o vinho) não apresentando restrição de costumes como as igrejas "anglo-saxãs", oram apenas de joelhos e exigem uma separação maior entre homens e mulheres, as quais se sentam separadas e são obrigadas a usar véu no culto. Além disso, praticam o ósculo santo (entre pessoas do mesmo sexo), não praticam evangelização proselitista, têm igrejas do mesmo padrão arquitetônico e as mulheres usam saias compridas e não podem cortar o cabelo. É ainda muito impressionante o fato de que a igreja mantém basicamente suas práticas e seus costumes com quase nenhuma modificação. Talvez seja ainda mais surpreendente o fato de que a Congregação deva alcançar provavelmente cerca de 3 milhões de fiéis.

As Assembléias de Deus foram fundadas em 1911, em Belém, Pará. A igreja foi iniciada por dois imigrantes suecos-americanos, Gunnar Vingren e Daniel Berg. Tendo passado pela experiência pentecostal em Chicago, os dois missionários tiveram "revelações divinas" de que deveriam vir para o Pará. Ao chegarem, procuraram a igreja batista, onde havia um missionário sueco, e ali começaram a congregar. Tão logo puderam comunicar-se em português apresentaram a mensagem pentecostal, e o grupo batista dividiu-se, formando a nova denominação. Celina de Albuquerque foi a primeira pentecostal assembleiana. Com grande ardor proselitista, liderança leiga, ênfase nos dons carismáticos da palavra (pregação, línguas e profecia), costumes rígidos e grande separação do mundo e da sociedade, a igreja cresceu de maneira impressionante. Atingiram 100 mil fiéis em 1948, 200 mil em 1952, 500.000 em 1960, 950.000 em 1964 e hoje, entre membros e freqüentadores, atingem cerca de 14 milhões de pessoas em todo o país. Como a Congregação Cristã, o crescimento foi muito intenso nas camadas mais pobres da população.

Apesar das diferenças, estas duas igrejas têm algumas características em comum:

- 1)A ênfase na experiência do batismo do Espírito Santo (ou promessa), acompanhado do falar em línguas. Normalmente a experiência é vista como capacitando o crente a ter poder para servir a Deus e santificar-se em sua vida, o que é uma herança Wesleyana (principalmente nas Assembléias de Deus).
- 2)A valorização dos dons de palavra. As línguas, profecias e pregação são muito importantes e não há tanta ênfase em curas, milagres e exorcismo.

- 3) As restrições comportamentais são severas, especialmente quanto à vestimenta, aos hábitos sociais e ao cabelo das mulheres (motivado pela interpretação de 1 Coríntios 11).
- 4) Em oposição à liderança mais culta do protestantismo clássico (muitas vezes estrangeiros), agora os líderes (brasileiros) são escolhidos em função de seus carismas pessoais.
- 5) Há uma forte tendência de uma liderança centralizada.
- 6) As igrejas quase que exclusivamente conseguiram convertidos das classes sociais inferiores.

A SEGUNDA ONDA: PENTECOSTALISMO DE CURA DIVINA

No início da década de 1950 intensificou-se a influência americana no Brasil. A Europa do pós-guerra, destruída e buscando sua reconstrução, via diminuir suas relações culturais com a América Latina. A predominância americana se expande, e isso se dá também no campo religioso. Nesse período, fim da Era Vargas, o Brasil foi marcado pela industrialização, pela urbanização, marcada pela grande onda migratória, especialmente dos estados do Norte e Nordeste para o Sudeste, principalmente São Paulo. É a época em que se inicia o crescimento das grandes metrópoles e das favelas e contrastes sociais urbanos.

Nesse contexto, é trazida para o Brasil a Igreja do Evangelho Quadrangular (4 lemas: salvação, cura, batismo do Espírito e volta de Cristo). Fundada originalmente nos EUA por uma canadense chamada Aimme Semple McPherson, a nova Igreja chegou ao Brasil por meio de dois missionários chamados Raymond Boatright e Harold Williams. Além da ênfase em curas divinas, diferentemente das Igrejas Pentecostais clássicas, o novo grupo faziam cultos em tendas de lona praticando também o exorcismo. A música eclesial mudou sensivelmente e adquiriu um estilo mais informal e popular. Os ritmos anteriormente vistos como “do mundo” e “do diabo” passaram a ser usados na igreja acompanhados por instrumentos ainda “menos dignos”. Os novos cânticos eram mais simples, repetitivos, populares e acompanhado de palmas. A Igreja cresceu no país, e estabilizou-se, dando lugar a novos movimentos. Atualmente, é um grupo significativo, tendo possivelmente cerca de 500 mil adeptos.

Outras igrejas semelhantes surgem nas décadas de 50 e 60. Merecem menção o Brasil para Cristo (1956), Nova Vida¹⁰ (1960), Igreja do Nazareno (1958) e Deus é Amor (1962). Destas merecem especial destaque o Brasil para

¹⁰ Esta igreja foi fundada no Rio de Janeiro por um canadense chamado Robert McAlister. Suas atividades eram voltadas para as classes média e alta. Dela surgiu o conhecido bispo Edir Macedo, que fundou a Igreja Universal do Reino de Deus.

Cristo, como primeira igreja exclusivamente nacional, fundada pelo "missionário" Manoel de Melo e a Igreja Deus é Amor, fundada pelo também "missionário" David Martins Miranda. Muitas outras igrejas foram fundadas a partir daí, todavia a grande maioria é numericamente inexpressiva. As novas igrejas brasileiras, o Brasil para Cristo e Deus é Amor seguiram a mesma linha da Igreja Quadrangular. Todavia, algumas características são marcantes. A autoridade é totalmente centralizadas, o "missionário" é praticamente o dono da igreja. Ele é o canal da bênção e é quase que unicamente por meio dele que "Deus opera". Ao contrário da tendência de afrouxamento da rigidez de costumes, a Igreja Deus é Amor esboçou talvez as maiores exigências comportamentais já vistas nas igrejas evangélicas. Ali, tudo é proibido, desde tamanhos de cintos, saltos, o uso da televisão, as cores e formatos das roupas, etc.¹¹ Uma pesquisa do nível social dos seguidores da Igreja Deus é Amor provavelmente irá mostrar uma massa popular ainda mais pobre do que as outras igrejas pentecostais. O crescimento dessas novas igrejas também foi marcado pelo uso dos meios de comunicação. Merece destaque o rádio e a parafernália eletrônica dos cultos de massa. Programas como "A Voz da Libertação" (Deus é Amor) e "A Voz do Brasil para Cristo" cheios de mensagens exortativas e de promessas, cânticos, testemunhos de curas e libertação e convites para comparecer às reuniões na "maior igreja do mundo". Com uma postura mais agressiva na arrecadação de ofertas, essas igrejas logo chegaram a usar inteiramente o tempo disponível de certas rádios.¹²

A expressão evangélica e proselitista mais agressiva das novas igrejas, o surgimento de grupos que começaram a alcançar pessoas de classe média com uma maior liberdade de costumes, aliada a uma certa insatisfação dos protestantes históricos com o tradicionalismo de suas igrejas (além de ênfases teológicas mais abertas e liberais), abriu espaço para o chamado movimento de renovação das igrejas evangélicas tradicionais. Assim, a partir da década de 60, e principalmente nos anos 70 e 80, um grupo crescente de igrejas dissidentes das denominações tradicionais. Surgem as chamadas igrejas renovadas que adotaram basicamente a maneira de pensar de origem associada às práticas pentecostais como o batismo no Espírito Santo, falar em línguas, curas, etc. A maior delas é a Igreja Batista Nacional, fundada em 1965, com cerca de 250.000 fiéis. Batistas, presbiterianos e metodistas viram várias de suas igrejas partirem para o chamado "avivamento". Hoje em dia, ainda surgem novos grupos, mas o movimento maior é de evangélicos tradicionais que deixam suas igrejas de origem e passam a fazer parte de uma igreja pentecostal ou renovada, dado confirmado pela recente pesquisa Novo Nascimento. Assim, podemos resumir o período da segunda onda, ressaltando suas características principais:

¹¹ Cf. Doutrinas Bíblicas para os Dias de Hoje - Igreja Deus é Amor.

¹² Veja Beatriz Muniz de Souza, A Experiência da Salvação, Duas Cidades, 1969.

- 1) Ênfase acentuada na prática de curas e exorcismos.
- 2) Cresce bastante o número de denominações.
- 3) Mudança significativa na liturgia, com a utilização de ritmos populares e nacionais.
- 4) Iniciado o movimento de renovação nas denominações tradicionais.
- 5) Uso crescente da mídia (rádio) como meio de propagação.
- 6) Crescimento vertiginoso da proporção de pentecostais

O PENTECOSTALISMO TRIUNFALISTA: AS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS

No final da década de 70 e no começo dos anos 80, sente uma mudança no contexto das igrejas pentecostais e renovadas. Surgem novos grupos, que mantêm certa semelhança com as igrejas anteriores, mas que apresentam características peculiares. As principais novas comunidades desse tipo são a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a Igreja Internacional da Graça e Renascer em Cristo. Fundada em 1977 por Edir Macedo, a IURD tem chamado a atenção de toda a sociedade brasileira. Sua postura belicosa em relação à majoritária e dominante Igreja Católica e aos cultos afro-brasileiros, aliada ao seu poder financeiro, político e na área das telecomunicações tem provocado ampla discussão nos meios de comunicação. É difícil chegar de maneira exata ao número de fiéis da Universal. Sendo uma igreja muito marcada pela oferta da bênção, seus fiéis não têm a característica de comunidade das pequenas igrejas tradicionais e pentecostais. As estimativas variam entre 2 a 4 milhões de frequentadores.

Alguns elementos marcam essa nova onda:

- 1) A teologia da prosperidade (saúde, bens etc.)
- 2) A simplificação teológica: Todos os males têm origem nos demônios
- 3) O enfraquecimento do valor das línguas e a busca de experiências extraordinárias
- 4) As pregações quase sempre vétero-testamentárias são lidas por uma hermenêutica pragmática
- 5) A Confissão Positiva e os elementos mágicos
- 6) A visão triunfalista: a obsessão pela “Vitória”
- 7) O clientelismo marcante na relação igreja-fiel
- 8) A relação de rejeição/apropriação com o catolicismo e a umbanda
- 9) A televisão como canal de expansão

Em oposição aos pentecostais anteriores a nova onda triunfalista abraçou a teologia da prosperidade que enfatiza com clareza que estar bem com Deus é prosperar financeiramente. Em vez de negar o mundo “perdido” e buscar o isolamento da sociedade “pecadora”, os novos grupos afirmam que Deus está do

lado de quem tem muitos recursos financeiros. A bênção divina não é apenas a salvação, mas também os bens materiais. Assim a falta de recursos ou de saúde perfeita é interpretada como falta de fé ou como sendo impedida pelo mal. A fantasia dos produtos de grife e que representam poder e status na sociedade é equiparada ao desejo de Deus para os seus.

O crescimento da ênfase nos demônios é muito grande. Há grupos que estabelecem relação de determinados demônios com certos problemas: demônio da bebida, do machismo, da pobreza, etc. Numa espécie de neo-maniqueísmo o mundo é dividido entre Deus e Satanás (e seus anjos maus), e quase todo conflito é visto em função dessa pretensa atuação demoníaca.

Nesse contexto de batalha espiritual, os neopentecostais apresentam uma atitude interessante. Reagem de maneira mais forte e agressiva contra o catolicismo e os cultos afro-brasileiros, mas ao mesmo tempo se apropriam dos elementos mágicos tanto do catolicismo como da umbanda. As práticas já iniciadas pela onda de cura divina dos anos 50 ganham força e se multiplicam com os novos grupos. Assim, a fogueira santa de Israel, o sal ungido, o óleo santo de Jerusalém, a noite da mesa-branca, a fita de Jesus, etc. são relíquias mágicas que servem para fazer as coisas funcionarem no mundo espiritual. Essa magia aproxima-se do paganismo, numa tentativa de manipulação da divindade por meio de práticas que permitam a libertação de forças espirituais. Aqui encaixa-se também a confissão positiva. Trata-se da idéia de que não se deve mais orar, pedindo a Deus que nos ajude e abençoe. Essa é uma oração sem fé. Deve-se tomar posse da bênção, declarando que já a obteve. Prega-se uma ousadia diante de Deus, para que alcance o que se deseja. Assim, quando o fiel declara que recebeu o que Deus prometeu, com toda a certeza, ele o receberá. É quase uma formulação mágica do tipo "abracadabra" ou "abre-te sésamo".

Os pentecostais levantaram sua bandeira de renovação da igreja a partir da experiência do batismo do Espírito Santo, associada ao dom de falar em línguas estranhas. Em algumas igrejas isso é absolutamente fundamental. Nos movimentos neopentecostais a glossolalia perdeu sua importância. Nos últimos anos as experiências mais fortes e extravagantes têm se multiplicado. Relatos de adeptos e freqüentadores falam de "sopro" do Espírito, "desmaios" pelo poder do Espírito, "arrebatamentos" (que envolvem viagens ao céu e ao inferno), receber "dentes de ouro", adquirir o "dom da gargalhada", ver "galinhos incandescentes" no monte¹³.

A visão triunfalista enche de energia positiva o nova comunidade. Há uma obsessão pela "vitória". Não há lugar para derrotados. Como se afirma: "somos mais do que vencedores". Essa visão evita que se evite todos os textos bíblicos que falem de problemas, sofrimentos, etc. O sofrimento de Jó, o martírio

¹³ As obras de Kenneth Hagin, muito lidas na Igreja Renascer, relatam algumas experiências desse tipo.

dos apóstolos, a humildade de Jesus, a prática de não vingar-se são temas esquecidos pela fé triunfalista. Há um constante uso de imagens vétero-testamentárias, associadas aos conflitos existenciais cotidianos. As lutas contra os inimigos, como Davi contra Golias, Israel contra os seus inimigos, são temas relacionados com os problemas modernos para encorajar o fiel de que ele também será vitorioso.

A mídia tem sido o grande veículo dos novos grupos. A expansão das idéias de dá principalmente via programas de rádio e de televisão. Esse procedimento trouxe modificações no panorama evangélico. Anteriormente os grupos eram bem definidos por suas posições doutrinárias e práticas. Hoje, muitas igrejas evangélicas e pentecostais adotam posturas vindas da mídia neopentecostal. Já não é tão fácil identificar a maneira de pensar de uma igreja por seu nome. Há diferenças enormes entre igrejas locais pertencentes a uma determinada denominação. Esse tipo de expansão neopentecostal estabeleceu também uma relação de clientelismo como os novos crentes. As igrejas tradicionais e pentecostais clássicas estavam acostumadas à idéia de comunidade, ou seja uma certa igreja onde “os irmãos” se reúnem, cantam, pregam e convivem por anos. As novas igrejas são, como alguns se autodenominam, “pronto-socorro espiritual”. São igrejas grandes, feitas para multidões, abertas o dia inteiro em locais movimentados, onde não há uma relação comunitária e o fiel vai apenas para buscar “a bênção”, ou melhor dizendo “comprar” a bênção, já que a relação não meritória diante de Deus, tão enfatizada no protestantismo histórico, foi substituída por uma relação do tipo “toma lá, dá cá”.

CONCLUSÕES

A interpretação do crescimento do pentecostalismo nos anos 50-70 esteve quase sempre relacionada com a reconstrução de mundo que os imigrantes das grandes cidades faziam por terem perdido a vida no campo juntamente com seus valores e relações¹⁴.

A origem do pentecostalismo é marcada por imigrantes, negros e mulheres. Parece razoável a idéia de que se trata de uma religiosidade de gente marginalizada. Apesar das tentativas da teologia da libertação e dos movimentos de esquerda de preocupar-se com os pobres, eles têm se voltado para religiões mais existenciais como os cultos afro e o pentecostalismo.

O pentecostalismo cresce porque oferece uma saída existencial-religiosa para as classes mais sofridas da população. Conforme observou Beatriz M. de Souza: “Por mais pobres, miseráveis e abandonados que se sintam, descobrem

¹⁴ Conforme o excelente artigo de Waldo A. César, *Urbanização e Religiosidade Popular*, em *Revista de Cultura Vozes*, nº 7, 1974, pp. 523-532.

os fiéis que foram pessoalmente salvos por Deus e pelos méritos de Cristo. Recobram um elemento de dignidade humana ao se saberem resgatados pelo Filho de Deus e confirmados em sua fé pelas luzes do Espírito Santo.¹⁵

O pobre, sem auto-estima, cheio de "vícios" e sem perspectivas encontra uma fé que estabelece uma ruptura com o passado, tornando-o uma "nova criatura". Não se trata apenas de aceitação de um discriminado, mas sim de recuperar uma visão ética do próprio indivíduo, que vindo de uma cultura católica, compartilha de uma cosmovisão cristã básica. Convertido, ele se sente perdoado, dignificado e se posiciona de maneira superior à sociedade que o despreza. Sendo os verdadeiros "eleitos de Deus", vestem-se com toda "elegância" possível, uniformizados como executivos santificados e acima do "mundo perdido". Além disso, o elemento participativo das pequenas comunidades e a doutrina da manifestação dos dons espirituais permite a homens simples e ignorantes uma auto-afirmação e realização pessoal. É notável o número de mulheres dotadas de carismas como línguas, profecias e dons de cura. Numa nova sociedade, as igrejas pentecostais, enfatizando a vinda de Cristo e cultivando uma espiritualidade ascética e alienante tradicionalmente pouco se preocuparam com o mundo político e quase sempre favoreceram o status quo

As novas tendências, que caracterizam as igrejas neopentecostais merecem consideração à parte. Deve ser colocado que elas representam uma ruptura com as igrejas pentecostais clássicas e uma ruptura ainda maior com o protestantismo histórico. Os novos grupos partem para uma cruzada político-financeira. Com a retomada do domínio do mundo, saindo do universo ascético do protestantismo evangélico, as novas igrejas partem para a conquista da sociedade "para Deus", contra "o mal". A Universal, por exemplo, leva seus fiéis a votar em seus deputados e possui claros propósitos políticos. Essas igrejas são mais modernas, mostrando-se muito mais flexíveis do que os católicos quanto ao controle da natalidade e à visão da sexualidade, como algo prazeroso. O clientelismo tem produzido um tipo de religiosidade descomprometida. Alguns novos grupos são muito mais tolerantes com os seus fiéis com respeito à vida pessoal, sexual, econômica, etc.

Por fim, podemos concluir, levando em conta os dados de uma pesquisa recente feita entre evangélicos do Rio de Janeiro¹⁶ (Novo Nascimento), afirmando o seguinte:

- O neopentecostalismo parece ser "a vingança" dos marginalizados. Conforme mostra a pesquisa, os evangélicos, especialmente os fiéis da Universal, pertencem às classes mais baixas. Sem muita opção, esta massa humana "organiza-se" para alcançarem a "vitória".

¹⁵ Em "A Cura Divina entre Pentecostais", em A Vida em meio à Morte, Paulinas, p. 98.

¹⁶ O Novo Nascimento. Os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política. MAUAD, Rio de Janeiro, 1998.

A religiosidade neopentecostal tende a um individualismo exagerado e é alienante, sendo agora envolvida por um esquema de marketing tremendo.

- As relações com o catolicismo são significativas. Os crentes são essencialmente “não-católicos”. Frustrados com a religião dominante, procuram outras alternativas. À medida em que se tornam beligerantes contra “a mentira” católica sentem-se perseguidos e aumenta-lhes o fervor. Todavia, enquanto a Rede Record pertence à Universal, a Rede Globo prestigia a Igreja Católica¹⁷. Os crentes sentem-se injustiçados e lutando contra o mal. Todavia, por incrível que pareça, acabam praticando um tipo de “catolicismo evangélico popular”. Suas práticas lembram mais a água benta, e o padre Cícero do que os protestantes históricos.

- Novos Símbolos. O imaginário católico permanece na mente dos fiéis convertidos. Todavia é necessário rejeitar os símbolos antigos. Em seu lugar são colocados símbolos judaicos. Muitos usam estrelas de Davi, candelabros. Tudo que vem de Israel é sagrado. Jerusalém é a nova “Aparecida do Norte” dos neopentecostais. A ruptura com a cultura dominante e ausência de história e ícones produz uma busca de símbolos, que são encontrados na cultura judaica.

- Há uma fragmentação enorme de igrejas evangélicas. Provavelmente ficará cada vez mais difícil considerar todos apenas como evangélicos. Entre luteranos e fiéis da Deus é Amor e Universal há um abismo muito grande. As igrejas protestantes tradicionais, as pentecostais e as neopentecostais são grupos distintos em vários aspectos.

- Deve haver um declínio do neopentecostalismo nas próximas décadas. O início do novo milênio (enfraquecimento do apelo escatológico) e a provável decepção de muitos que esperavam “bênçãos” pode sugerir um possível decréscimo desse tipo de religiosidade.

¹⁷ Apesar de ser um estado laico, o Brasil mantém feriados católicos (12/10 e finados) e Rede Cultura (estatal) transmite missas aos domingos.